

# TERFÉ NA CIDADE

O diálogo entre  
uma pequena  
igreja de bairro  
e a cultura

Tiago  
Cavaco

Com textos de  
Anabela Mota Ribeiro  
Henrique Raposo  
Nuno Markl  
Samuel Úria

  
VIDA NOVA

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	9
<i>Prólogo</i> .....	15
Introdução .....	17
1. O modelo bíblico da cidade.....	21
2. O modelo bíblico da congregação .....	61
3. Pondo a Lapa no mapa.....	77
<i>Religare, Anabela Mota Ribeiro</i> .....	87
<i>Adultério teológico, Henrique Raposo</i> .....	91
<i>Fé e piada, Nuno Markl</i> .....	95
Esse conjunto predileto de pessoas, <i>Samuel Úria</i> .....	99
<i>Epílogo</i> .....	103
<i>Notas</i> .....	107

## APRESENTAÇÃO

Como Eugene Peterson destaca, no primeiro século da era cristã, entre a década de 30 e a de 60, “cerca de 90% da população” do Império Romano “vivia na área rural, apesar disso a estratégia missionária” dos primeiros cristãos priorizou as cidades que se espalhavam pelo vasto território romano. Somente em Roma, a capital do império, viviam cerca “de um milhão de pessoas”, circulando pelos “concorridos conjuntos habitacionais, [...] vilas elegantes e [...] imponentes áreas públicas de mármore”, enquanto a população do império era estimada em torno de 60 milhões de pessoas. Se “as vilas [rurais] eram incrivelmente conservadoras (o povo trabalhava apenas para se alimentar, e arriscar novas ideias não era uma opção), as cidades cosmopolitas do império “eram novas e estavam em desenvolvimento”, sendo “mais receptivas a novos moradores, novos costumes, novos deuses” e recebendo forte influência das “antigas religiões do Oriente” que “prometiam a imortalidade com base em rituais secretos”.

Nessas cidades, tinha-se acesso a religiões que “ofereciam todo tipo de rituais desvairados como forma de obter entendimento e imortalidade”, além de “professores especializados em palestras motivacionais e

de religiões que favorecessem o consumidor”. Mas os habitantes dessas cidades, aterrorizados “por poderes invisíveis”, buscavam “proteção nas artes mágicas” ou “usavam a bebida, o sexo, o misticismo ou o dinheiro como forma de escape”.

Os primeiros missionários cristãos, como o apóstolo Paulo, caminhavam milhares de quilômetros através da Turquia, Grécia e Itália, queimados pelo sol escaldante e encharcados pela chuva para anunciar a mensagem de que Deus tem um plano que está sendo concretizado: que ele designou Jesus Cristo como Senhor e Messias e o enviou para morrer por pecadores e ressuscitar dentre os mortos, para conceder salvação ao que se arrepende e crê. E a presença de Deus é visível por meio da ação poderosa do Espírito Santo, que se evidencia no anúncio da mensagem de salvação. Foi o poder dessa boa notícia surpreendente e maravilhosa que motivou os primeiros missionários a fundar igrejas nos grandes centros urbanos do império. Uma vez estabelecendo igrejas nessas cidades, elas eram usadas como base para alcançar outras localidades. Paulo, por exemplo, residiu vários anos em Éfeso (19.8-20), preparando, a partir da igreja ali estabelecida, um bom número de cristãos que espalharam a mensagem de Jesus Cristo através da Turquia.<sup>1</sup> Dessa forma e em parte por causa dessa estratégia missionária, 56,5% da população do império abraçou a fé cristã em meados do quarto século d.C.<sup>2</sup>

Pensando em nossa própria época, nos últimos cem anos o centro de gravidade do mundo cristão deslocou-se inexoravelmente para o sul, para a África, a Ásia e a América Latina. Já em nossos dias, as maiores comunidades cristãs encontram-se na África e na América Latina. Esse crescimento espetacular da fé cristã no “sul global” coincide também com um novo impulso de migração da população para as grandes cidades.

O Brasil, a partir da segunda metade do século 20, tornou-se um país essencialmente urbano. Em 1945, cerca de 30% da população morava em cidades; em 2000, 81,2% da população passou a morar em grandes centros urbanos, especialmente na região Sudeste. Algumas das maiores cidades da América estão, hoje, localizadas no Brasil:<sup>3</sup>

[ 1] São Paulo: 21.090.792

[ 6] Rio de Janeiro: 12.280.702

[17] Belo Horizonte: 5.829.923

[27] Porto Alegre: 4.258.926

[28] Brasília: 4.201.737

[30] Fortaleza: 3.985.297

[31] Salvador: 3.953.290

[32] Recife: 3.914.397

[37] Curitiba: 3.502.804

[39] Campinas: 3.094.181

Na primeira metade do século 20, afora Rio de Janeiro e São Paulo e mais duas ou três capitais estaduais, o Brasil era ainda um país agropastoril. Hoje é um país essencialmente urbano, centrado em grandes metrópoles. Entretanto, essa urbanização desenfreada legou sérios problemas para as cidades: desemprego, violência, favelização e poluição.<sup>4</sup>

A urbanização foi acompanhada por uma crescente privatização da fé, e nesse ambiente surgiram e cresceram, a partir da década de 1990, em resposta a esse fenômeno, as chamadas megaigrejas independentes, reunindo-se em edifícios imponentes, com música contemporânea, centrada em pregadores carismáticos e em eventos. Mas esse modelo de crescimento de igreja não entregou o que prometeu. As comunidades nutridas por tal método tornaram-se marcadas por minimalismo teológico, pragmatismo metodológico e cultura gerencial, o que produziu uma comunidade cristã sentimentalista, emocionalmente imatura, confiante em clichês e impaciente com argumentação embasada.<sup>5</sup>

Neste livro inovador e provocador, o pastor evangélico português Tiago Cavaco, que serve na Igreja da Lapa (Segunda Igreja Evangélica Baptista de Lisboa), na charmosa e histórica capital de Portugal, luta para responder a uma importante indagação: “A religião até pode ter servido para o meu antepassado que vivia

no interior, mas como pode servir para a minha vida moderna na cidade?”.

Lidando com as teologias bíblica e sistemática e em diálogo com a história e a cultura, Tiago propõe neste livro que “a fé [cristã] abre caminhos em lugares que parecem bicos sem saída”, pois “fé [cristã] não finge um mundo que já não existe, nem propõe um regresso ao que já foi”. Isso se dá justamente porque a “fé [cristã] é a melhor adequação à realidade” — e, como o autor argumenta, há, sim, um imenso espaço para anunciar nas cidades Jesus Cristo, que “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê [...] a justiça de Deus [que] se revela no evangelho” (Rm 1.16,17), a partir de igrejas locais vibrantes e que servem de fato à cidade.

Ao vivenciar o que autor expõe a seus leitores, Tiago chegou a uma importante constatação: a de que “a cultura portuguesa em geral, desconhecadora de quem são os evangélicos, é menos preconceituosa com eles do que os evangélicos julgam” — e isso é ilustrado pelo convite que o autor fez a personalidades portuguesas para dialogar com a premissa do livro, o que abriu “espaço a algumas das vozes com quem estabelecemos conversas e verdadeiras amizades” — e ao fim do livro o leitor encontrará estas reações, vindas de jornalistas, escritores, apresentadores da TV portuguesa e musicistas.

Que este pequeno e relevante volume sirva de estímulo e direção para que os pastores evangélicos brasileiros, irmanados com seus irmãos na fé lusitanos, não apenas sirvam ao Deus trino nos grandes centros urbanos, mas estabeleçam frutífero diálogo com a cidade, tendo em mente o que Abraham Kuyper declarou tão ousadamente há mais de cem anos: “Na extensão total da vida humana, não há nenhum centímetro quadrado acerca do qual Cristo, que é o único soberano, não declare: isso é meu!”<sup>6</sup> — o que também inclui as cidades!

Franklin Ferreira,  
*presbítero na Igreja da Trindade*  
*e diretor geral e professor de*  
*Teologia Sistemática e*  
*História da Igreja no*  
*Seminário Martin Bucer,*  
*em São José dos Campos, SP*



## PRÓLOGO

Alguém que fez o que não devia corre no meio da noite, a caminho de lugar nenhum, para parar em plena estrada, cercado de carros. Esses carros acendem os faróis, iluminados num olhar acusador, encurralando o fugitivo num plano que vai se abrindo para uma panorâmica cada vez maior. No final, temos uma cena memorável em que o pequeno ser humano está diante de um tribunal de automóveis, os quais tanto podem ser testemunhas acusadoras do mal praticado como carrascos em busca de vingança. “Fim”, mostra a tela enquanto escurece.

A pessoa que vê *Verdes anos*,<sup>1</sup> de Paulo Rocha, assiste a uma história de amor entre Júlio, aprendiz de sapateiro, e Ilda, criada na casa de uma família das Avenidas Novas. Não é uma história propriamente feliz. Sem querer dar *spoiler* a quem ainda não viu o filme, não resisto a dizer que é o fato de o amor entre eles se passar em Lisboa, lugar onde não nasceram mas trabalham, que acaba por estragá-lo. O espectador fica com a ideia de que aquele enredo até podia acabar bem, mas nunca na capital do país.

A tese de um dos filmes mais importantes do cinema português talvez continue a ser a de vários

portugueses que suspiram melancolicamente por um regresso ao campo como possibilidade de voltarem a uma vida mais inocente e pura. Provavelmente as gerações mais novas, como aquela de que faço parte, já não suspiram tanto por terem nascido na cidade. Já não demonizamos a cidade pela mesma razão que nunca vimos anjos no campo. A cidade é tudo o que temos, e não encontramos grande alternativa para a nossa vida moderna. Somos, definitivamente, urbanos.

Mas, se somos definitivamente urbanos, talvez não sejamos urbanos sem algum peso de consciência. Até que ponto a nossa vida na cidade serve de desculpa para uma vida menos completa? Muitos de nós fazem do endereço na capital um pretexto que justifica o que um dia, mais tarde, num novo lugar, com mais tranquilidade e menos pressa, conseguiremos ser, não cabendo ainda aqui. Cada um tratará de arrastar a sua culpa urbana, pagando os muitos pecados que pela cidade se tornam comuns a todos. No fundo, é como se a responsabilidade não fosse nossa, mas do lugar onde nos puseram. Os faróis dos automóveis no meio da noite poderão continuar a ser olhares de corujas mecânicas que nos julgam, sem que os consigamos espantar. Este pequeno livro também trata disso.

## INTRODUÇÃO

Talvez seja porque vivemos o século 21, mas ainda com muito do século 19 na cabeça. Em Portugal continuamos a pensar nas coisas da religião como se fôssemos personagens de Eça de Queirós. Igreja é uma palavra que transmite sensações ambíguas: por lembrar a fé professada por nossos avós, parece que não se relaciona com os nossos filhos. Reconhecemos um passado nosso na religião com a mesma facilidade que não descobrimos nela nenhum futuro.

Um pouco como o Padre Amaro, do romance de Eça de Queiroz,<sup>1</sup> cujo crime era ter na sua velha religião uma impossibilidade de viver um novo amor com Amélia, por quem havia se apaixonado, os assuntos da igreja parecem transmitir-nos inadequação. É como alguém que quer consertar um defeito num *tablet* com uma chave de fenda. Afinal, não fomos todos precocemente convencidos de que as respostas da fé não servem para as perguntas de agora? A religião até pode ter servido para o meu antepassado que vivia no interior, mas como pode servir para a minha vida moderna na cidade?

O que este livro tenta é o contrário disto: não ignorando na religião a sua relevância no passado, o

objetivo é encontrar nela a liberdade para o futuro. Mais ainda. Este livro chega ao ponto de sugerir que o que está por vir será melhor se tivermos uma disposição favorável à fé. A minha proposta é dizer que a fé abre caminhos em lugares que parecem becos sem saída. Isto porque a fé não finge um mundo que já não existe, nem propõe um regresso ao que já foi. A fé é a melhor adequação à realidade.

A nossa vida na cidade é o âmbito no qual este livro tenta encontrar na fé o futuro. Este pequeno volume é escrito para partilhar uma experiência particular que aponta para uma experiência geral: o que nos últimos tempos temos vivido na igreja da qual faço parte — a Igreja da Lapa, em Lisboa — é o que os cristãos têm vivido ao longo de dois mil anos nas várias cidades espalhadas pelo mundo em que habitam. O cristianismo é não apenas adequado para a vida moderna nos grandes centros urbanos em que habitamos, é também urgente para essa vida.

Para compreendermos melhor como o cristianismo é uma fé que promove e permite um progresso à vida moderna na cidade, começaremos por fazer uma breve incursão pelo passado. Vamos refletir sobre a maneira em que o conceito de cidade se desenvolve no documento essencial do cristianismo: a Bíblia. Depois, num segundo momento, observaremos o modelo de convivência em comunidade

cristã a partir de um texto central nas Escrituras: o capítulo 13 da primeira carta que o apóstolo Paulo escreveu à igreja de Corinto. Por último, compartilharemos algumas das experiências que a Igreja da Lapa tem tentado reproduzir a partir desse modelo. Nesse ponto, apresentaremos testemunhos de pessoas que, sendo externas à nossa comunidade, provam que a igreja pode ser um ponto de convergência e construção urbana no meio da diversidade.

Neste livro inovador e provocativo, o autor responde a uma importante indagação: "A religião até pode ter servido para o meu antepassado que vivia no interior, mas como pode servir para a minha vida moderna na cidade?".

Ao partilhar o diálogo que uma pequena igreja de bairro tem mantido com a cultura à sua volta, ele sugere uma resposta: o cristianismo é não apenas adequado para a vida moderna nos grandes centros urbanos em que habitamos, mas também urgente para essa vida. Quando temos fé em Cristo em contextos que podem ser desfavoráveis, podemos ter a verdadeira fé na cidade.

Lidando com as teologias bíblica e sistemática e em diálogo com a história e a cultura, Tiago propõe neste livro que a fé cristã abre caminhos em lugares que parecem becos sem saída, pois não finge um mundo que já não existe nem propõe um regresso ao que já foi. Isso se dá justamente porque a fé é a melhor adequação à realidade.

**Tiago Cavaco** é formado em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa e pastor da Igreja da Lapa. Trabalhou dez anos em televisão, colabora com a revista **Ler** e mantém desde 2003 o blog **Voz do Deserto**. Casado com Ana Rute e pai de Maria, Marta, Joaquim e Caleb, é autor de **Seis sermões contra a preguiça** e **Cuidado com o Alemão**, publicados por Vida Nova.

  
VIDA NOVA

 [vidanova.com.br](http://vidanova.com.br)

 [vidanovaedicoes](https://www.facebook.com/vidanovaedicoes)

 [@edicoesvidanova](https://twitter.com/edicoesvidanova)

ISBN 978-85-275-0727-1



9 788527 507271